

Atas das 5^{as}

CONFERÊNCIAS DO MUSEU DE LAMEGO / CITCEM

2017  06 de outubro



DOURO INTERIOR | EXTERIOR



ARTE E IMAGEM

organização



apoios



ATAS DAS 5^{AS}

CONFERÊNCIAS DO MUSEU DE LAMEGO / CITCEM | 2017

 **DOURO INTERIOR | EXTERIOR** Arte e Imagem

ORGANIZAÇÃO

Museu de Lamego [ML] | Direção Regional de Cultura do Norte [DRCN]
Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» [CITCEM] | Faculdade de Letras da Universidade do Porto [FLUP]

AUTORES

Fernando Faria Paulino [CIAC - ISMAI]
Hugo Barreira [DCTP-FLUP | CITCEM]
Lúcia Rosas [DCTP-FLUP | CITCEM]
Nuno Resende [DCTP-FLUP | CITCEM]

DESIGN GRÁFICO

Paula Pinto [Museu de Lamego | Direção Regional de Cultura do Norte]

IMAGEM DE CAPA

“Visitação” [pormenor], Vasco Fernandes, 1506-1511 © Museu de Lamego | Direção Regional de Cultura do Norte

EDIÇÃO

Museu de Lamego | Direção Regional de Cultura do Norte

DATA DE EDIÇÃO

Julho de 2018

e-ISBN

978-989-99516-7-9

O conteúdo dos textos, direitos de imagem e opção ortográfica são da responsabilidade dos autores.

APOIOS

Liga dos Amigos do Museu de Lamego
Município de Lamego
Hotel Lamego
SoltaGiga
Casa de Santo António, Britiande
ESTGL – Escola Superior de Tecnologia e Gestão, Lamego

ABREVIATURAS

CIAC – Centro de Investigação em Artes e Comunicação
CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»
DCTP - Departamento de Ciências e Técnicas do Património
DRCN - Direção Regional de Cultura do Norte
FLUP - Faculdade de Letras da Universidade do Porto
ISMAI - Instituto Universitário da Maia
ML - Museu de Lamego

ÍNDICE

Conferência de abertura
QUANTO DOURO CONHECEMOS?
NUNO RESENDE 05

Conferência
PATRIMÓNIO VERNACULAR DO ALTO DOURO VINHATEIRO.
VALORES, USOS E TRANSFORMAÇÃO
LÚCIA ROSAS 13

Conferência
DOURO DAS IMAGENS E DO IMAGINÁRIO
A(S) IMAGEM(S) DO DOURO, PATRIMÓNIO E IDENTIDADE
FERNANDO FARIA PAULINO 29

Conferência
DOURO: DAS MARGENS E DOS MOVIMENTOS DAS IMAGENS
HUGO BARREIRA 53

CONFERÊNCIA

PATRIMÓNIO VERNACULAR DO ALTO DOURO VINHATEIRO. VALORES, USOS E TRANSFORMAÇÃO

Lúcia Rosas

RESUMO

O património vernacular, conforme está internacionalmente definido, caracteriza-se por um modo de construir emanado da própria comunidade; um conhecimento tradicional da composição e da construção que é transmitido de modo informal; uma resposta eficaz às necessidades funcionais, sociais e ambientais e uma aplicação das técnicas tradicionais. Sendo uma arquitetura sem arquitetos, a arquitetura vernacular tem qualidades funcionais e técnicas, mostrando-nos por vezes perfeitas adaptações aos sítios e às funções. Contudo, o confronto com a realidade e a vontade de conservação tornam a questão bem mais complexa. A desadequação das arquiteturas ao modo de vida e de produção do presente, já há muito que determinou a sua obsolescência. A conservação desta arquitetura apresenta-se como um exercício pleno de problemas onde hoje se projetam sentimentos de nostalgia e se encontra vasta matéria de uma visão mítica do equilíbrio entre o homem e a natureza.

PALAVRAS-CHAVE:

Arquitetura vernacular /
património / habitação /
Provezende

ABSTRACT

The vernacular heritage, as it is internationally defined is characterized by a manner of building shared by the community; a traditional expertise in design and construction which is transmitted informally; an effective response to functional, social and environmental constraints and a effective application of traditional construction systems and crafts. As an architecture without architects, the vernacular architecture has functional and technical qualities, sometimes showing us perfect adaptations to the sites and functions. However, the confrontation with reality and the will to preserve it makes the matter much more complex. The maladjustment of the architectures to the way of life and production of the present, has long determined its obsolescence. The preservation of this architecture presents itself as an exercise full of problems where today feelings of nostalgia are projected and there is vast matter of a mythical vision of the balance between man and nature.

KEYWORDS:

Vernacular architecture /
heritage / habitation /
Provezende

PATRIMÓNIO VERNACULAR DO ALTO DOURO VINHATEIRO. VALORES, USOS E TRANSFORMAÇÃO

LÚCIA ROSAS

Departamento de Ciências e Técnicas do Património
 Faculdade de Letras da Universidade do Porto
 CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória)
 lrosas@letras.up.pt

A arquitetura vernacular/popular/tradicional, sobretudo a do mundo rural, exerce hoje um imenso fascínio. Esta arquitetura, e as aldeias onde se insere, desperta sentimentos de nostalgia de um mundo em desaparecimento onde os valores de identidade, autenticidade, veracidade, tradição e a percepção de um equilíbrio entre o homem e a natureza se projetam e procuram. Contudo esta percepção não é mais que uma imagem idealizada que esquece os problemas que afetam o mundo rural, como a desertificação, a pobreza, a falta de emprego, o encerramento de equipamentos públicos e a dureza do trabalho no campo.¹ Os turistas que optam pelo mundo rural como destino encaram a arquitetura popular como uma expressão da cultura nacional portuguesa, como um símbolo de tradição que só o campo conserva,² imagem que também projetam nos seus habitantes, mais genuínos do que a população urbana. O processo de mitificação do mundo rural como depositário de valores *puros*, em contraste com o mundo urbano *corrompido*, tem fundas raízes históricas sendo já um tópico da literatura greco-romana. Sá de Miranda e Bernardim Ribeiro, entre outros escritores do século XVI, exaltam esses valores da natureza humanizada e purificadora dos males da civilização. O mesmo fará Eça de Queiroz na *Cidade e as Serras*. Já no quadro conceptual do património, Ramalho Ortigão entendia que viabilidade da sua conservação residia nas virtudes intocadas do povo, guardião das tradições e da cultura material do passado. O progresso, próprio da vida das capitais e nelas necessário, e o cosmopolitismo desgasta e desnacionalizam o indivíduo. A forma de conservar a cultura material consistia em afastar as vilas e aldeias do caminho do progresso. "Elas são em Portugal as reclusas guardadoras da casa portuguesa, da integridade do seu lar, do respeito dos seus penates, da interpretação autêntica dos seus arcanos. Representar o passado é a sua missão, o seu destino, a sua força, o seu proveito e o seu encanto" (Ortigão 1905). O mito da pureza do povo, incorruptível e imune aos males da civilização assoma aqui, e ele impedirá Ramalho Ortigão, entre outros, de entenderem a impossibilidade de tal desígnio porque, *bom ou mau* o progresso é sempre apelativo e inevitável, e porque, o património só o é, não quando a veneração intelectual pretende fixá-lo, mas quando a comunidade o assume e toma consciência dele.³

¹ Silva, Luís 2009. *Casas no Campo: um estudo do turismo em espaço rural em Portugal*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais: 81.

² Silva, Luís 2009. *Casas no Campo: um estudo do turismo em espaço rural em Portugal*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais: 82.

³ Cfr. Almeida, C. A. Ferreira de 1993. Património - Riegl e Hoje. Sep. da *Revista da Faculdade de Letras. História*, 2^o. série, v. 10, Porto: 407-416.

Joaquim de Vasconcelos, no contexto do debate oitocentista sobre a existência de uma arte original portuguesa, pretendeu demonstrar que a originalidade da arte portuguesa residia nas *industrias populares* e *caseiras*, cujo alento emanava da alma popular. As várias exposições que realizou tinham como objetivo demonstrar que o povo é o *nosso maior artista*. A ciência das Academias e das escolas não soubera conservar as formas de arte tradicionais, de que a família rústica era o fiel depositário. Em Vasconcelos não encontramos a necessidade de cristalização do passado para a conservação do património. Pelo contrário, o retomar das artes tradicionais é entendido como uma das formas do progresso artístico e industrial.⁴

A tomada de consciência do valor patrimonial de monumentos, arquiteturas, paisagens antrópicas, objetos, natureza, etc. decorre sempre da eminência da sua perda. As alterações demográficas no mundo rural, já patentes na década de 1960 devido ao fenómeno da emigração, são hoje muito mais notórias. A desertificação do campo e a alteração profunda da matriz em que assentava a economia rural obrigam a uma alteração do paradigma de análise da arquitetura vernacular.

O património vernacular, tal como está internacionalmente definido (ICOMOS, 1999), caracteriza-se por um modo de construir emanado da própria comunidade; um reconhecível carácter local ou regional ligado ao território, uma coerência de estilo, forma e aparência assim como o uso de tipos arquitectónicos tradicionalmente reconhecidos; um conhecimento tradicional da composição e da construção que é transmitido de modo informal; uma resposta eficaz às necessidades funcionais, sociais e ambientais e uma aplicação de sistemas, ofícios e técnicas tradicionais de construção. A Carta do Património Vernacular Construído recomenda que governos e autoridades devem reconhecer o direito de todas as comunidades a manter o seu modo de vida tradicional, a protegê-lo através de todos os meios possíveis e legá-lo às gerações futuras.

Embora a função deste tipo de documento seja essencialmente a de definir princípios orientadores, a Carta traduz uma visão atemporal da arquitetura vernacular e da sua conservação, assente num desígnio certamente utópico: o da manutenção do modo de vida tradicional. A vontade de atribuir a este património uma condição atemporal e a-histórica contraria a natureza sistémica e mutante da cultura, que não se pode conservar estática, mas sim preservar através da transmissão do conhecimento e da informação sobre a diversidade de soluções conseguidas no devir pela capacidade humana de aprender, acumulando e inovando.⁵ Este património está muito ligado à paisagem, aos homens, aos seus trabalhos agrícolas, aos seus hábitos e aos materiais de construção locais, aspetos que se alteraram substancialmente nos últimos cinquenta anos. Enquanto se mantém vivo, o património vernacular necessita de mudar e de se adaptar constantemente para continuar a responder às necessidades sociais, sob pena de ser abandonado por obsoleto.⁶ Sendo uma arquitetura sem arquitetos, a arquitetura vernacular tem qualidades funcionais e valores etnográficos e até técnicos, mostrando-nos por vezes perfeitas adaptações

⁴ Rosas, Lúcia 1997. "Joaquim de Vasconcelos e a valorização das artes industriais" in Almodovar, A., Alves, J., Garcia, M. P. (org.) *Rodrigues de Freitas: a obra e os contextos. Actas do Colóquio*. Porto: C.L.C./F.L.U.P.: 229-238.

⁵ Soeiro, Teresa, Rosas, Lúcia, Fauvreille, Natália 2002. O Património vernacular construído do Alto Douro. Vinhateiro: ritmos e valores. *Douro – Estudos & Documentos*, Porto: Faculdade de Letras do Porto/GHEVID, vol. VII (14), (4.º): 148.

⁶ Soeiro, Teresa, Rosas, Lúcia, Fauvreille, Natália 2002. O Património vernacular construído do Alto Douro. Vinhateiro: ritmos e valores. *Douro – Estudos & Documentos*, Porto: Faculdade de Letras do Porto/GHEVID, vol. VII (14), (4.º): 147.

aos sítios e às funções.⁷ C. A. Ferreira de Almeida questiona: “Neste universo da arquitetura popular, que construções a preservar? Como selecionar as obras ou conjuntos a proteger” (Almeida 1998, 15). Propondo novas categorias de classificação do património, o autor integra a arquitetura popular na categoria dos imóveis de interesse paroquial uma vez que a freguesia é a comunidade organizada com mais fundas raízes. A gestão deste património deverá incentivar reformas de qualidade e tolerar eventuais mudanças ou mesmo destruições, desde que motivadas pelo bem comum ou em favor de soluções de melhor qualidade.⁸

Conforme a Carta do Património Vernacular Construído realça, as estruturas vernaculares constituem um património muito vulnerável, já que são confrontadas com graves problemas de obsolescência, de equilíbrio interno e de integração. É então necessário procurar formas mais criativas e mais ajustadas à atualidade para o conservar.

A mutação do mundo rural, já visível nos anos de 1960, teve uma rápida aceleração nas últimas décadas. João Leal, num texto que dedica à tematização da arquitetura popular no século XX português, sublinha que os inquéritos à habitação rural e popular foram produzidos numa época em que o país era essencialmente rural. A população ativa na agricultura, nos anos de 1960, correspondia a 40% da população portuguesa, enquanto hoje se reduz a cerca de 6 a 8%.⁹ Os inquéritos a que se refere João Leal são o Inquérito à Habitação Rural (1942-47), o Inquérito à Arquitetura Popular (realizado nos anos 50 e publicado em 1961) e as investigações de Ernesto Veiga de Oliveira e dos seus colaboradores. Conjuntamente com o movimento da Casa Portuguesa (finais do século XIX e as décadas de 1940/1950) estes estudos representam quatro formas diferentes de olhar a arquitetura popular.¹⁰ Entre o nacionalismo da Casa Portuguesa, a atenção à miséria do Inquérito à Habitação Rural, a pesquisa das potencialidades modernas da arquitetura popular (Inquérito à Arquitetura Popular) e a valorização das funções produtivas dessa arquitetura (Ernesto Veiga de Oliveira, Jorge Dias, Fernando Galhano, Benjamim Enes Pereira) definem-se quatro enfoques que enformaram diferentes modos de olhar a arquitetura popular.¹¹ Estas diferentes perspetivas, ainda que em graus diversos, marcam ainda hoje a ideia comum à maioria da população sobre o que é a arquitetura popular.

João Leal enuncia duas grandes questões a que se propõe responder. “Como é que o tópico da arquitetura popular emergiu, se desenvolveu, foi pensado e discutido ao longo desse período de tempo? Como é que a arquitetura popular, de um não-objecto, se transformou num objecto reconhecido, aceite, apreciado, que faz hoje parte – de modo quase natural – das categorias de senso comum das classes médias e de outros grupos sociais, inclusivamente populares?” (Leal 2009, 5).

⁷ Almeida, C. A. Ferreira de 1998. *Património. O seu entendimento e a sua gestão*. Porto: Edições Etnos:15.

⁸ Almeida, C. A. Ferreira de 1998. *Património. O seu entendimento e a sua gestão*. Porto: Edições Etnos 1998: 24-25.

⁹ Leal, João 2009. *Arquitetos, engenheiros, antropólogos: estudos sobre a arquitetura popular ao longo do século XX português*. Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva: 63-64.

¹⁰ Leal, João 2009. *Arquitetos, engenheiros, antropólogos: estudos sobre a arquitetura popular ao longo do século XX português*. Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva: 61.

¹¹ Leal, João 2009. *Arquitetos, engenheiros, antropólogos: estudos sobre a arquitetura popular ao longo do século XX português*. Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva: 61.

O movimento da Casa Portuguesa procurou um tipo de habitação popular que seria caracteristicamente português e defendeu a institucionalização de um formulário arquitectónico adaptado às exigências da vida moderna inspirado naquele modelo de habitação.¹² É contra o ideário da Casa Portuguesa e com o objetivo de sublinhar a diversidade regional que, sob um olhar modernista, são apreciadas as construções estudadas no Inquérito à Arquitectura Popular. “As soluções mais elogiadas são as que partilham os critérios arquitectónicos do modernismo: adaptação ao meio e funcionalismo, verdade dos materiais, soluções de serialidade, etc.” (Leal 2009, 48). O Inquérito à Habitação Rural centrou-se na recolha das condições de habitação dos camponeses com o objetivo de melhorar essas condições, de forma a contribuir para o desenvolvimento da agricultura.¹³ Os autores deste inquérito não apresentam uma visão idealizada nem da vida no campo nem da arquitetura popular. São constantes as referências às condições miseráveis da habitação rural, à falta de higiene dos seus habitantes e à promiscuidade favorecida pelos espaços exíguos da habitação. É curioso notar como os resultados deste inquérito tiveram uma muito menor repercussão na opinião pública do que qualquer outro. O movimento da Casa Portuguesa continua a ter os seus admiradores, e até uma atual renovada atenção, ainda que com propostas dialogantes com formas mais contemporâneas ou reconfigurando a nova arquitetura vernacular que se implanta na periferia das aldeias e ao longo das estradas. O Inquérito à Habitação Popular fixou uma imagem benévola do mundo rural ao centrar-se nas qualidades formais e funcionais da arquitetura, marcando, ainda hoje, o gosto e diversos programas e projetos de requalificação ou conservação.

A atenção à arquitetura popular por parte dos antropólogos e etnólogos do Museu Nacional de Etnografia, que trabalharam com Ernesto Veiga de Oliveira, centrou-se principalmente no estudo do ponto de vista etnográfico e antropológico, enfatizando, na configuração da casa rural, a sua função produtiva.

Se hoje a arquitetura popular é património, este fenómeno deve-se, em boa parte, aos quatro inquéritos analisados por João Leal. O que sem dúvida também contribuiu para a sua patrimonialização foi a obsolescência, o abandono, a ruína, o desaparecimento e a presença progressivamente mais impositiva da arquitetura *dissonante*. Foi sobretudo a partir dos meados do século XX que os materiais tradicionais locais foram sendo substituídos por outros produzidos industrialmente: tijolo, blocos de cimento e betão. Segundo Manuel C. Teixeira se “numa primeira fase estes novos materiais permitiam tornar mais económica a construção, sem que aparentemente as formas tradicionais viessem a ser significativamente subvertidas, em breve as propriedades físicas desses materiais e a sua lógica dimensional acabaram por se impor e por influenciar as formas e as proporções das casas, dando origem a novas tipologias arquitectónicas que se foram generalizando.” (Teixeira 2013, 159)

¹² Leal, João 2009. *Arquitetos, engenheiros, antropólogos: estudos sobre a arquitetura popular ao longo do século XX português*. Porto: Fundação Instituto Arquiteto José Marques da Silva: 6.

¹³ Leal, João 2009. *Arquitetos, engenheiros, antropólogos: estudos sobre a arquitetura popular ao longo do século XX português*. Porto: Fundação Instituto Arquiteto José Marques da Silva: 10.

Como refere Isabel Raposo as novas construções populares, “sobretudo em meio rural, tendem ainda a ser consideradas como agressões estéticas por muitos arquitetos que se têm interessado, sobretudo, nos seus inquéritos sobre o habitat popular, pelo equilíbrio entre a natureza, os homens e as formas do edificado das sociedades pré-industriais”. (Raposo 2016, 197) No mundo rural, e na sua arquitetura *tradicional*, tem sido projetada uma visão mítica do equilíbrio entre o homem e a natureza, como já notou Camille Wells. O autor começa por perguntar o que é a arquitetura vernacular, considerando que, segundo um ponto de vista convencional, a arquitetura vernacular é o que é antigo, rural, artesanal e construído com materiais e formas tradicionais para uso doméstico ou agrícola. Implícita ou explicitamente a esta atitude está presente a noção de que as construções vernaculares são os vestígios frágeis de um tempo pré-industrial e agrário, quando a vida era mais cooperativa, mais humana e, através do trabalho manual, também mais nobre.¹⁴

A propósito dessa arquitetura *dissonante* João Leal lança um desafio: “o de estudar essas novas expressões da arquitetura popular e/ou vernácula de acordo com uma concepção renovada do que é hoje o popular” (Leal 2009, 66). O autor refere-se a Garcia Canclini e ao modo como este sublinha, na sua obra *Culturas Híbridas* (1998), a necessidade de nos separarmos de concepções de matriz romântica sobre o popular: “o popular não é só o rural; o popular não é só o passado (...). O popular não são apenas as formas “autênticas”, que o século XX emblematizou, são também as formas híbridas, impuras e até “sujas” de produção material no presente do espaço habitado que o século XXI deve integrar na sua agenda de pesquisa” (Leal 2009, 67).

As formas *híbridas* e *sujas* já estavam presentes no território percorrido pelos arquitetos que realizaram o Inquérito à Arquitetura Popular. Nem todas as fotografias foram publicadas sendo excluídos os exemplares designados de *malfeitorias*: as casas dos brasileiros, a arte nova popular, os primeiros sinais de um progresso mal assimilado, a arquitetura popular mais vulgar.¹⁵ Sublinha João Leal que estas exclusões não foram deliberadas, mas sim a consequência de um olhar sobre o popular que “ao mesmo tempo que projetava luz sobre algumas arquiteturas, deixava outras na penumbra”. (Leal 2011, 73)

Para refletir sobre as questões enunciadas escolhemos a aldeia de Provezende (Sabrosa). No concelho de Sabrosa alguma preocupação com o ordenamento territorial tem contribuído para mitigar as dissonâncias excessivas provenientes da expansão dos aglomerados. O seu património, rico, diverso e de qualidade, compreende as arquiteturas nobres de habitação, as arquiteturas de produção, antigas e contemporâneas, as construções vernaculares, o desenho urbano, a arquitetura religiosa e a arquitetura pública de função cultural. A qualidade do património mais antigo tem sido causa e efeito da qualidade também patente na construção contemporânea, de que são exemplos o armazém de estágio e envelhecimento de vinhos da Quinta do Portal (Celeirós) de Siza Vieira e o Espaço Miguel Torga (S. Martinho de Anta) de Souto Moura.

¹⁴ Wells, Camille 1986. Old Claims and New Demands: Vernacular Architecture Studies Today. *Perspectives in Vernacular Architecture II*. Columbia: University of Missouri Press, vol. 2: 1.

¹⁵ Leal, João 2011. Entre o vernáculo e o híbrido: a partir do inquérito à arquitetura popular em Portugal. *Joelho. Revista de Cultura Arquitectónica*, n.º 2, abril. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra: 72.

As construções mais recentes destinadas à habitação – edificadas desde há cerca de dez anos até ao presente – seguem modelos muito semelhantes em vários aglomerados do concelho [FIG. 1]: Sabrosa, S. Martinho de Anta, Passos, Celeirós, Vilarinho de S. Romão, estando especialmente concentradas em novos arruamentos que extravasam os perímetros mais antigos [FIG. 2]. Se algumas destas habitações se destinam a férias dos emigrantes, estando desabitadas a maior parte do ano, não será rigoroso dizer que o seu modelo se forjou na casa encomendada por emigrantes. Este modelo caracteriza-se por uma implantação em parcelas amplas, ficando a casa afastada da rua ou da estrada, e por uma horizontalidade dos volumes [FIG. 3]. É comum que estas novas construções se desenvolvam em um ou dois pisos, num sentido inverso à casa dos emigrantes construída entre as décadas de 1960 e 1980 que privilegiava a construção em altura, muitas vezes rematada por uma torre ou por altos telhados de acentuado pendor. As casas mais recentes, cujo modelo é recorrente em todo o país, parecem replicar as casas de férias e de aldeamentos turísticos, comuns a Portugal e Espanha, com referências a alguma arquitetura mediterrânica e aos modelos do movimento da Casa Portuguesa, como os alpendres, as chaminés, os beirais e as cores utilizadas nos revestimentos.



FIG. 1 – Casa de habitação (Sabrosa)



FIG. 2 – Casa de habitação (Passos, Sabrosa)



FIG. 3 – Casa de habitação (Passos, Sabrosa)

Concentrando-nos agora na aldeia de Provezende apresentamos a caracterização de quatro tipos de habitação popular/vernacular: 1) a casa de pequenas dimensões, que ocupa principalmente o núcleo mais compacto e central, construída em xisto, sendo o piso térreo destinado ao armazenamento e o piso superior à habitação, apresentado, por vezes, uma escada paralela à fachada [FIG. 4]; 2) a casa de maior escala, formalmente semelhante à anterior mas que utiliza com mais frequência padieiras de granito, apresenta vãos mais amplos e permite melhores condições de habitabilidade [FIGS. 5 E 6]; 3) a casa *rústica*, que deixa propositadamente a pedra à vista, mimetizando a construção mais antiga e acrescentando elementos decorativos de antiga função agrícola [FIG. 7]; 4) a casa de construção recente que se ergue em parcelas isoladas, afastada da rua, aproveitando o terreno para usufruir de um jardim, adopta amplas varandas abalastradas ou alpendres e vãos de iluminação de acentuada dimensão [FIG. 8]. Esta tipologia implanta-se na periferia norte e oeste do núcleo mais denso, tendo ampliado um arruamento antes ocupado unicamente pela escola primária, dos meados do século XX, e por duas ou três casas de habitação. A implantação de novas construções nesta via resulta hoje numa ocupação linear, que se estende para ocidente comunicando com a via de ligação aos aglomerados vizinhos. Contudo, esta implantação não corresponde a uma elevada densidade construtiva, uma vez que as casas, apesar da sua escala, ocupam grandes parcelas. Nesta tipologia de habitação estão ausentes as culturas agrícolas. As construções destinadas à produção de vinho, azeite ou ao armazenamento de produtos, máquinas e alfaias agrícolas adotam formas e materiais industriais o que lhes retira a configuração própria deste tipo de construção em arquiteturas mais antigas, tornando-as não identificáveis com a sua função.



FIG. 4 – Casa de habitação – tipologia 1 (Provezende)



FIG. 5 – Casa de habitação – tipologia 2 (Provezende) - Direitos autorais. Créditos: Nisa Félix, 2016



FIG. 6 – Casa de habitação – tipologia 2 (Provezende)



FIG. 7 – Casa de habitação – tipologia 3 (Provezende)

FIG. 8 – Casas de habitação – tipologia 4 (Provezende)



Pensamos que este tipo de habitação se caracteriza por adoptar formas e soluções claramente opostas não somente ao mundo rural mas também ao mundo do trabalho. Apesar de normalmente serem caracterizadas como arquiteturas urbanas, que certamente também o são, cremos que a imagem que projetam dos seus proprietários não radica exatamente no seu carácter urbano mas sim na sua aparência de arquiteturas de lazer, apesar de os seus habitantes trabalharem na agricultura. A arquitetura popular *antiga* recorda tempos nada dignificantes. Recorda a dureza do trabalho, a pobreza e mesmo a miséria, a ausência de higiene, a promiscuidade, condições de vida já tão distantes do presente que quem não as viveu ou conheceu delas não tem uma real consciência que permita entender a opção da população por casas *dissonantes*.

Nesta aparência de arquiteturas de lazer haverá algo de comum entre esta tipologia de habitação e as casas dos brasileiros de torna-viagem dos finais do século XIX e início do século XX. Implantadas tendencialmente em grandes parcelas e afastadas da rua, as casas dos brasileiros, quando construídas no mundo rural, incorporam um jardim, amplas varandas envidraçadas, caramanchões, fontes e grutas fingidas, onde é notória a ausência de culturas agrícolas. São habitações de férias, de vilegiatura, opostas à casa rural e ao mundo do trabalho agrícola.

Certamente que há muitas diferenças, e não unicamente formais, entre a habitação dos emigrantes de torna-viagem enriquecidos e o tipo de habitação que nos últimos anos tem merecido a preferência dos habitantes de Provezende. Queremos deixar claro que a comparação que estabelecemos é unicamente ao nível dessa vontade de oposição ao mundo rural e ao mundo do trabalho. Sobre a arquitetura de emigrantes regressados do Brasil ou de África na segunda metade do século XIX e início do século XX, tem refletido Domingos Tavares considerando que “sempre foi grande a disponibilidade mental destes novos-ricos para a ruptura, aceitando a importação do internacional como fator diferenciador e testemunho de êxito, na representação do regresso às terras de origem” (Tavares 2015, 12).

A preferência por *casas com vista*, aiosas, erguidas em lugares desafogados em contraste com as *casas pobres* concentradas no núcleo mais denso da aldeia, onde rareavam ou eram mesmo ausentes os vãos de iluminação, construídas com os materiais da região, às quais se associavam as construções adjetivas relacionadas com a transformação dos produtos agrícolas e a criação de animais, tem também uma outra motivação: a higiene ou melhor, a sua amostragem nas cores claras utilizadas nos revestimentos exteriores, branco, amarelo, cor de salmão, azul claro, nos materiais do interior, tijoleiras e mármore e nas amplas janelas.

Se esta tipologia tem sido preferencial nos últimos dez anos é atualmente notório, por parte da população, um maior interesse pelas casas antigas, que adquiriram um prestígio certamente despertado pelas estruturas destinadas ao turismo que valorizam essas arquiteturas. Há também valores estéticos de gosto pelo valor da paisagem já assimilados pelos residentes, fenómeno que nos parece muito recente. Estas mudanças de gosto devem ser encaradas como uma oportunidade para a reocupação e requalificação de casas antigas, e até pequenas, pela população residente ou pela população que atualmente vive na cidade e aí regressa no fim de semana e nas férias. Na verdade esta reocupação já está em curso. Se há dois anos as casas que correspondem à primeira tipologia – habitação de pequenas dimensões, que ocupa principalmente o núcleo mais compacto e central, construída em xisto sendo o piso térreo destinado ao armazenamento e o piso superior à habitação, apresentando por vezes uma escada

paralela à fachada e alpendre – estavam, na sua maioria, desocupadas e parcialmente arruinadas, sendo o núcleo central do aglomerado aquele onde se registava um maior abandono, é hoje notória uma reocupação. A configuração destas habitações, depois de terem sido alvo de obras, é variada. Em alguns exemplares a casa manteve a cércea e a volumetria originais tendo sido rebocada e pintada de cores claras apresentando, por vezes, um rodapé de cor negra, corrimão de madeira e balaustrada também de madeira onde assenta o alpendre [FIG. 9]. Outros exemplares optam por deixar o material de construção à vista e aproveitam o piso térreo também para habitação, alterando a dimensão dos vãos. A fachada recebe elementos de tipificação do mundo rural, como painéis de ferro e pipas assentes em mísulas [FIG. 10]. Uma outra solução atesta uma intervenção mínima. A pedra é deixada à vista não havendo alteração na morfologia nem na dimensão ou arranjo dos vãos [FIG. 11]. Sublinhamos que nesta caracterização nos referimos unicamente às soluções aplicadas nos últimos dois anos. Em Provesende há outras formas de alteração muito mais intrusivas que obliteraram completamente as características construtivas e formais da habitação vernacular. No entanto, parece registar-se agora uma tendência que revela um maior apreço pelas construções mais antigas, ora tipificando-as ora mantendo a sua expressão original.



FIG.5 9, 10 e 11 – Casa de habitação (Provesende)

A estruturas destinadas ao turismo em Provesende caracterizam-se atualmente por três tipologias: a) a casa nobre requalificada que aproveita os valores estéticos dos materiais e das formas com uma intervenção mínima no arranjo de construções anteriormente desprezadas, como os cardanhos; b) a casa construída em xisto, formalmente semelhante às habitações de pequena escala mas com vãos mais amplos e uma dimensão que permite melhores condições de habitabilidade. Esta tipologia não acusa qualquer alteração no exterior; c) a construção nova já realizada com a finalidade de se destinar ao turismo que mimetiza aspetos mais epidérmicos da construção antiga, articulando muros em xisto com alçados e volumes contemporâneos e com referências ao mundo rural, como a plantação de ramadas no jardim.

Atendendo a este panorama parece-nos possível e realista que as estruturas dedicadas ao turismo ocupem arquiteturas vernaculares com condições de habitabilidade, sendo desejável que não se obliterem os materiais e formas originais dessas construções.

Uma maior expansão da aldeia num *continuum* de configuração suburbana pode ser evitada se os habitantes continuarem a ocupar as construções mais antigas, certamente as que têm viabilidade para as atuais condições de vida. A motivação também cabe às tutelas que devem atender ao património de forma mais flexível, conferindo-lhe um carácter menos dualista, frequentemente presente nas soluções de requalificação, e que tem como postulado, implícita ou explicitamente: *o que é antigo é bom, o que é novo é mau*.

Fornecendo projetos de requalificação adaptados à realidade que atendam às necessidades, capacidade financeira e vontade da população, será possível hoje manter uma boa parte da arquitetura vernacular mais antiga com usos mais dignificantes. Será possível também controlar a expansão da nova arquitetura vernacular não a conotando necessariamente com o mau gosto, de forma a que os seus proprietários não se sintam excluídos porque dessa forma mais se excluído.

De outro modo a arquitetura popular mais antiga acabará por ser abandonada na sua totalidade. Certamente que não é esse o futuro que desejamos para um património vernacular cuja qualidade formal e visual nos vai seduzindo há décadas.

BIBLIOGRAFIA

Almeida, C. A. Ferreira de 1998. *Património. O seu entendimento e a sua gestão*. Porto: Edições Etnos.

Almeida, C. A. Ferreira de 1993. "Património - Riegl e Hoje". Sep. da *Revista da Faculdade de Letras. História*, 2. série, v. 10, Porto: 407-416.

Leal, João 2009. *Arquitetos, engenheiros, antropólogos: estudos sobre a arquitetura popular ao longo do século XX português*. Porto: Fundação Instituto Arquiteto José Marques da Silva.

Leal, João 2011. "Entre o vernáculo e o híbrido: a partir do inquérito à arquitetura popular em Portugal". *Joelho. Revista de Cultura Arquitectónica*, n.º 2, abril. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra: 68-83.

Ortigão, Ramalho 1905. Um brado a favor dos monumentos, *Diário de Notícias*, Lisboa, n.º 17, Maio.

Raposo, Isabel 2016. “Transformação da habitação popular em meio rural em Portugal na segunda metade do século XX”. In André, Paula; Sambricio, Carlos, coord. *Arquitetura Popular. Tradição e Vanguarda. Tradición e Vanguardia*. Lisboa: ISCTE: 193-254.

Rosas, Lúcia 1997. “Joaquim de Vasconcelos e a valorização das artes industriais” in Almodovar, A., Alves, J., Garcia, M. P. (org.) *Rodrigues de Freitas: a obra e os contextos. Actas do Colóquio*. Porto: C.L.C./F.L.U.P.: 229-238.

Silva, Luís 2009. *Casas no Campo: um estudo do turismo em espaço rural em Portugal*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Soeiro, Teresa, Rosas, Lúcia, Fauvrelle, Natália 2002. “O Património vernacular construído do Alto Douro. Vinhateiro: ritmos e valores”. *Douro – Estudos & Documentos*, Porto: Faculdade de Letras do Porto/GHEVID, vol. VII (14), (4.º): 147-163.

Tavares, Domingos 2015. *Casas de Brasileiro. Erudito e Popular na Arquitetura dos Torna-Viagem*. Porto: Dafne Editora. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

Teixeira, Manuel C. 2013. “Popular, Tradicional, Regional, Português, Nacional”. In *Actas do Colóquio Internacional de Arquitectura Popular*. Arcos de Valdevez: Município de Arcos de Valdevez: 153-163.

Wells, Camille 1986. Old Claims and New Demands: Vernacular Architecture Studies Today. *Perspectives in Vernacular Architecture II*. Columbia: University of Missouri Press, vol. 2, 1986: 1-10.

ATAS DAS 5^{AS}
CONFERÊNCIAS DO MUSEU DE LAMEGO / CITCEM
2017 ■■■■ **DOURO INTERIOR | EXTERIOR** Arte e Imagem



CULTURA

